



DL-01

Ses. Esp. 20/04/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Baiano ao fotógrafo, publicitário e produtor cultural Sérgio Guerra, proposta pelo nobre deputado e meu querido amigo Fabrício Falcão. Convido para compor a Mesa o Exmº Sr. Proponente da Sessão, deputado Jean Fabrício Falcão. (Palmas) Convido o Sr. Diretor Superintendente do Sebrae e ex-deputado estadual Edval Passos (Palmas); convido o Exmº Sr. Cônsul da Itália no Brasil, Giovanni Pisanu (Palmas); a Exmª Srª Vereadora da Cidade do Salvador Olívia Santana (Palmas); o Exmº Sr. Tenente General Antônio Cândido de Lemos, adido de Defesa de Angola, representando o General Cândido Santos, do Ministério de Defesa de Angola (Palmas); a Mãe Bebé, do Terreiro Indembua Kenan; a Mãe Balá, do Terreiro Ilê Omoketá Posei Betá; a Mãe Conceição, do Centro de Caboclo Sutão das Matas (palmas). Solicito ao Cerimonial desta Casa que conduza a este recinto o Sr. Fotógrafo Sérgio Guerra. (Palmas)

(O Sr. Sérgio Guerra adentra o Plenário.)

(Jussara Silveira canta “Calunga”.)



3139-II

Ses. Esp. 20/04/12

Or. Fabrício Falcão

Outorga de Título de Cidadão Baiano ao Sr. Sérgio Guerra.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Fabrício Falcão para fazer a saudação ao homenageado.

O Sr. FABRÍCIO FALCÃO:- Bom-dia a todas. Bom-dia a todos.

Neste momento em que esta Casa concede o Título a essa figura extraordinária que é o Sérgio Guerra, é uma honra tremenda ao Parlamento baiano. Este Parlamento vive momentos de glória quando ajuda a elevar a estima do povo baiano, e momentos de confusão quando algumas coisas pairam e não conseguimos dar respostas. Mas esta é a Casa do Povo, é a Casa do debate, das discussões, também a Casa da transformação que ajuda a constituir as ações através das leis e do acompanhamento das ações do Executivo baiano.

Quero saudar, de forma muito especial, o deputado Marcelo Nilo, presidente desta Casa, ele que é um deputado atuante, um presidente que respeita a democracia, o funcionamento livre desta Casa e por isso tem condição de presidir sempre as sessões solenes, e mesmo quando está impossibilitado fica agoniado para estar aqui mostrando o seu respeito ao povo baiano, de forma geral.

Saúdo o amigo querido, superintendente do Sebrae, ex-deputado Edival Passos, figura muito querida. Tenho apreço e respeito a sua figura, Edival, há muitos anos. Quero saudar o Sr. Cônsul da Itália no Brasil Geovanni Pisanu. É uma honra estarmos com o senhor. Saúdo a querida amiga, vereadora Olívia Santana. Na verdade, Olívia, essa vereadora que eu chamo de trator, é uma figura incansável que vive o tempo todo nas lutas para modificar esta cidade tão problemática que é Salvador. Foi através de Olívia, juntamente com o seu gabinete e com o Harley, do GAPA, que sentamos na minha sala para prestar essa pequena homenagem, porém, com muito carinho por parte desta Casa. Então para mim foi uma honra compartilhar isso com essa figura, essa grande vereadora, e com o Harley, do GAPA.



Sr. Tenente-General Antônio Cândido Lemos, adido de Defesa de Angola, representante do Gal. Cândido dos Santos, do Ministério de Defesa de Angola; Mãe Bebé, do terreiro Indembua Kenan; Mãe Balá, do terreiro Ilê Omoketá Posei Betá; Mãe Conceição, do Centro Caboclo Sultão das Matas; é de uma importância muito grande termos as senhoras nesta Casa no dia de hoje.

O Sr. Produtor, fotógrafo, publicitário e querido chamado Sérgio Guerra, o Guerrinha; o nosso homenageado é uma figura emblemática e existem poucas no Brasil. Devemos colocar sempre pessoas como ele em evidência.

Produtor cultural que saiu de Pernambuco, que veio do meio da comunicação e, hoje, faz uma relação entre o Brasil e Angola de forma respeitosa estando lá, mas mostrando a inter-relação do povo da Angola com o povo do Brasil. É um homem que através da sua vida, do seu labor, da sua vida cotidiana, também enaltece a população negra no Estado da Bahia, inclusive com projetos culturais, com a Fundação Pro-Negro, com os seus recursos, com a sua vida para mostrar um pouco da história da Bahia e do Brasil.

Infelizmente, Guerra, nem sempre os livros de história contam a verdadeira história do Brasil, a sua origem, a sua formação. A história do Brasil que nos foi passada é uma história de faz de conta. Os livros mostravam os homens que constituíram o Brasil, porque nunca se colocou o papel da mulher na formação da história. Recentemente, a partir da democracia plena e da reconstrução da história do Brasil, é que podemos afirmar, conhecer, reconhecer os tantos homens, mulheres e valores que foram trazidos para o Brasil e que tão pouco foi contado para nós de forma verdadeira.

Então, pessoas como você é de inestimável valor porque vem mostrar isso ao povo baiano, ao povo do Brasil, resgatando os valores da cultura brasileira da forma que ela foi feita, não da forma que ela foi contada pelos barões que se constituíam donos da terra e da produção, mas esquecendo daqueles que com seus braços, suas vidas e suas almas, constituíam esse imenso Brasil de tão formidável diversidade cultural, mas que ainda esconde os valores reais. Inclusive tenta mostrar que hoje vivemos num país de iguais entre homens e mulheres de cor branca e de cor negra. Mas, na verdade, isso é uma falácia que



tentam encucar a tão reinada paz de raça, de igualdade econômica e social. Mas a gente vê na verdade o que é este Brasil, esta Bahia e esta cidade de Salvador, que é uma cidade de preconceitos ainda muito grandes, muito fortes e que não respeita aqueles que são a sua maior parte da parcela do povo baiano. Não quero me alongar.

Para mim foi uma honra imensa a vereadora, camarada e amiga Olívia Santana, ter me procurado, já conhecia Sérgio desde Vitória da Conquista, sou de Conquista, e Sérgio deu uma pincelada de sua vida na vida de Conquista e poder, junto com você; eu, na condição de deputado, trazer esse momento importante que marca a história do Parlamento baiano.

Quero parabenizar esta Casa e dizer, Sérgio, que somos 63 deputados. Eu fui o proponente, mas todos os 63 deputados votaram de forma unânime na apreciação desse título para você. Você não teve 61 votos nem 62, teve 63 votos, inclusive teve voto de estima e coração como de ex-deputado que também torceu e deu o seu voto a uma figura como você. Parabéns não só a você, mas à Bahia por ter tido um pernambucano que veio para cá e amar tanto o povo da Bahia como você ama.

Parabéns a você e me sinto orgulhoso nesse momento.

Palmas.

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 20/04/12

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar a Sr^a Alessandra Silvestre, esposa do homenageado; Dona Concinha, mãe do nosso fotógrafo Sérgio Guerra e o deputado Fabrício Falcão para, juntos, entregarmos o título de cidadão baiano que a Assembleia Legislativa concedeu ao Sr. Sérgio Guerra.

(Apresentação musical)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tendo em vista compromisso assumido anteriormente, vou ter que me ausentar e vou passar a presidência dos trabalhos ao meu querido deputado Fabrício Falcão.

Mas antes gostaria de dizer da alegria, Sérgio Guerra, de, neste momento, presidir a sessão da entrega do Título de Cidadão Baiano. O deputado Fabrício Falcão, apesar de primeiro mandato, tem sido um deputado, eu diria, revelação, apesar de sua experiência no Parlamento municipal de Vitória da Conquista. Chegou a esta Casa com várias ideias e vários projetos. Mas o projeto principal dele, tenho certeza, foi formar relações de amizade e trabalhar no seu partido, o Partido Comunista do Brasil, com o objetivo principal de servir ao povo do nosso estado.

O deputado Fabrício, num momento de muita felicidade, apresentou o Título de Cidadão Baiano para o Sr. Sérgio Guerra. Quero reconhecer que não tive o prazer da convivência mais próxima com Sérgio, eu o conhecia de nome, e quando o deputado Fabrício Falcão, numa sessão ordinária, fez a proposta, dispensamos o currículo porque todos nós conhecemos a história do fotógrafo Sérgio Guerra.

Nascer na Bahia é uma dádiva de Deus, nesta terra fantástica, que os deuses abençoaram com tantas belezas naturais. A Bahia da Chapada, do Pelourinho, do São Francisco, das belas praias, do Vale do Jiquiriçá, a Bahia que todos nós sabemos que tem um povo acolhedor, um povo que brinca no Carnaval, mas um povo que sabe das suas responsabilidades de fazer a Bahia cada vez mais respeitada e admirada por todos. quarta



população do nosso País, sexta economia. Sérgio nasceu em Pernambuco, Estado co-irmão, também de um povo acolhedor e feliz, mas chegou à Bahia e aqui foi acolhido.

Somos baianos por natureza, mas muitos talvez tenham alcançado a felicidade dobrada por nascerem em Pernambuco e terem sido acolhidos pelo nosso Estado. (palmas)

Sérgio, já vivemos momentos aqui especiais, uma Casa cuja presidência talvez seja o cargo mais difícil que um homem público pode gerir e administrar, porque na realidade o Poder Legislativo é a Casa do Povo, é a Casa que recebe todos os movimentos sociais do nosso Estado. Todos aqueles que se sentem injustiçados são acolhidos por esta Casa. O Movimento Negro, o Movimento das Mulheres, o Movimento dos Sem Terra, a agricultura familiar, os gays, os empresários, os servidores sempre foram recebidos aqui. Hoje, inclusive, os professores ocuparam o salão para lutar por aquilo em que acreditam.

É óbvio que esta é a Casa do contraditório, é a Casa de todas as representações da sociedade. Hoje a Bahia vive um momento ímpar na sua vida política, com um governo democrático, republicano, comandado por um cidadão que nasceu no Rio de Janeiro e foi acolhido pelo povo do nosso Estado, sendo eleito e reeleito pelos baianos, o nosso querido amigo Jaques Wagner.

Enfim, a Bahia de Rui Barbosa, Jorge Amado, Mangabeira, Castro Alves, Ivete Sangalo, a partir de hoje também passa a ser a Bahia de Sérgio Guerra. (Palmas)

Passo a presidência dos trabalhos, saudando aqui o meu querido amigo Edival Passos, que também já passou por momentos marcantes na história da Bahia. Foi candidato a governador, foi deputado estadual; superintendente do Sebrae-BA. Eu o vi, muito emocionado, quando estávamos entregando o Título que o povo de nosso Estado, através das suas representações, concedeu ao fotógrafo Sérgio Guerra.

Quero saudar o cônsul Giovanni Pisanu; minha querida amiga Olívia Santana, que sem dúvida nenhuma é uma das vereadoras mais atuantes da nossa querida cidade de Salvador; o tenente-general Antônio Cândido; mãe Bebé; mãe Balá; mãe Conceição. E saúdo, finalmente, o homenageado Sérgio Guerra.



Passo a presidência dos trabalhos, pedindo desculpas porque vou ter de me ausentar. A festa hoje é de Sérgio Guerra, mas a alegria maior também é do nosso querido Fabrício Falcão, que num momento ímpar apresentou a proposição para que esta Casa fizesse justiça e tornasse Sérgio Guerra baiano. (Palmas)



3140-II

Ses. Esp. 20/04/12

Or. Sérgio Guerra

Outorga de Título de Cidadão Baiano ao Sr. Sérgio Guerra.

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Neste momento gostaria de convidar para fazer parte desta Mesa o querido irmão professor Elias Dourado, subsecretário do Trabalho do governo do Estado, uma figura que tem muito respeito e carinho por Sérgio, tanto que hoje estaria num compromisso em São Paulo, mas largou tudo por conta deste evento e veio prestigiar o amigo Sérgio Guerra.

Neste instante, convido para fazer uso da palavra, pelo tempo que precisar, esse cidadão baiano chamado Sérgio Guerra. (Palmas)

O Sr. SÉRGIO GUERRA:- Bom-dia a todos. Fabrício, camarada Edival, cônsul Giovanni Pisanu, minha amiga Olívia Santana; Sr. Tenente-General Antônio Cândido de Lemos, representante do ministro da Defesa de Angola; mãe Bebé, do terreiro Indembua Kenan; mãe Balá, do terreiro Ilê Omoketá Posei Betá; mãe Conceição, do Centro de Caboclo Sultão das Matas.

(Lê) *“Este é um dia muito especial para mim. O título que esta casa teve a generosidade de me oferecer, muito me honra, mas acima de tudo me comove, pela forte simbologia que tem. Com este dia vem um turbilhão de memórias acumuladas, algumas até já esquecidas, desde aquele outro dia, lá atrás, em 1977, quando decidi fazer da Bahia o meu lugar. Mas seria ainda mais correto dizer que não fui eu quem decidi: foi sim a Bahia que se fez lugar e morada em mim. Sem desmerecer Pernambuco, estado onde nasci, é na Bahia que me sinto em casa.*

A Bahia revelou-me a vida. Me fez ver um Brasil muitas vezes belo, muitas vezes injusto. A Bahia me mostrou a África. Me deu futuro e mais do que futuro, passado, origem, pertencimento e paternidade. A Bahia me apresentou ao meu pai Xangô.

Fico particularmente feliz porque essa iniciativa de concessão do título por parte do meu amigo, o Deputado Jean Fabrício, tem sua origem também numa das mais legítimas



representantes da Cidade da Bahia, essa guerreira que muito me orgulha e me honra com a sua amizade: Olívia Santana. Obrigado Jean, Obrigado Olívia.

Olívia vem dessa cidade que eu conheci aos dezessete anos, numa idade e num tempo propícios, que me permitiram viver nas ruas e conhecer de perto uma Salvador de verdade, essa cidade, negra e guerreira como Olívia.

Salvador, todos sabem, é majoritariamente negra e mestiça. É naturalmente negra e mestiça. Mas esta identidade precisou ser defendida e construída, ao longo de muitas gerações, para que fosse reconhecida, aceita e cultivada por uma sociedade que, em muitos momentos, se comprazia em parecer mais branca. Muita coisa mudou desde o tempo em que os terreiros de candomblé eram objeto de repressão policial. Mas ainda aí está a intolerância manifestada.

Muita coisa mudou e não há como não reconhecer que esta cidade cada vez mais se reconhece no espelho de uma cultura mestiça, na qual os negros, a despeito da longa exclusão de ordem econômica e social, são os protagonistas principais. Nesta aventura civilizatória chamada Bahia, negros e mestiços deram o tom, marcaram o traço que nos distingue e nos faz singulares ao lado dos demais brasileiros.

Mas me parece que vivemos uma espécie de esquizofrenia. Somos orgulhosamente negros em âmbitos diversos das artes, da cultura, da religiosidade, mas ainda pouco, muito pouco, no exercício da cidadania, no acesso aos bens materiais, no usufruto dos próprios espaços físicos da cidade, na presença de negros e mestiços nas instâncias de decisão, na partilha do poder econômico e político.

Muita coisa mudou. Mas não é por acaso que a última vez que esta cidade teve um prefeito negro foi por indicação, há trinta anos. A partir de 1985, nós voltamos a votar para Prefeito. Nesses 27 anos, elegemos 7 vezes o prefeito e agora vamos eleger o oitavo. Entre eles, nenhum negro. Não que eu tenha nada contra prefeitos brancos, mas penso que é estranho que, numa cidade com mais de 80% da população negra e mestiça, a identidade cultural e étnica não tenha repercussão no voto. E antes do voto, na existência de um número mais significativo de lideranças negras pleiteando o exercício da atividade política



formal. Há ainda poucos negros na atividade política, talvez pelos mesmos motivos que são ainda poucos nas universidades, nos melhores empregos, nos cargos de decisão, etc, a despeito dos avanços ocorridos no país na última década, com a saída de milhões de brasileiros da linha de pobreza.

Essa questão, os senhores sabem, é mais antiga e profunda. Remonta a mais de 400 anos de história. Começa com o negro sendo arrancado dos seus lares, transportados como mercadoria por milhares de quilômetros de distância, sendo transplantados para uma terra que não era a sua, para servirem aos senhores brancos.

E que senhores eram estes?

Os nossos antepassados. Vejam as nossas árvores genealógicas e vão perceber que boa parte dessas famílias ainda está aqui entre nós. Com esta lembrança, não desejo alimentar o ódio, ou propor fraturas numa sociedade que, já descobriu que não é europeia e já se aceita como mestiça. Com esta lembrança, desejo somente dizer que a escravidão é obra nossa. E a sua “desinvenção”, a sua reparação, devia igualmente ser, por dever moral e determinação política, uma tarefa nossa. (Palmas). Podemos dizer que aqui, hoje, não há um só culpado pela escravidão e pela exclusão histórica do negro em nossa sociedade. Mas somos todos igualmente responsáveis pela correção do que a história teima em não corrigir, ou o faz de forma excessivamente lenta.

Lá atrás veio a nossa Princesa Isabel para dar a liberdade tão merecida a estas populações, liberdade que, é bom que se diga, fomos a última nação a acolher, de tanto que tínhamos reconhecer como ilegal a escravidão. E se reconhecemos não foi por uma questão humanista. A abolição aconteceu nos estertores de um mundo que já estava fadado a desaparecer: o das economias baseadas no trabalho escravo. Libertamos os escravos quando eles já não seriam tão necessários, viáveis, lucrativos. Concedemos aos escravos a liberdade e esta, para muitos, passava a ser um fardo, impossibilitados que estavam para exercê-la, por falta de perspectivas, de meios materiais, de educação, de formação para novos meios de trabalho que, em pouco tempo, fariam o Brasil apostar na mão de obra livre, barata e mais qualificada do imigrante europeu.



Pois é, meus amigos, estas pessoas que foram arrancadas de suas famílias, que foram comercializadas como mercadoria, que receberam uma liberdade tardia, não foram alvo, nem lá no Ato da Abolição, nem nos anos seguintes da nossa República, não mereceram nenhum plano, projeto ou programa nacional de reparação e reinserção social e econômica. O que obtiveram e têm obtido é à custa da própria capacidade de desafiar a injustiça, o preconceito e de se reinventar como cidadãos brasileiros.

E assim, sem indenização, sem reparação, sem nenhuma política específica para este amplo segmento da sociedade, se consolidou a maior injustiça da história do nosso país. E hoje, 140 anos depois, todos nós somos beneficiários dessa atrocidade, ainda que beneficiários indiretos ou passivos, somos beneficiários. Nas mínimas coisas. Senão vejamos.

Enquanto o meu filho pode ter acesso à escola de qualidade, porque eu tive uma condição privilegiada, apesar do bolsa família milhares de meninos ainda estão fora das salas de aulas para ganhar algum dinheiro e ajudar em casa. Trabalham para ajudar pais que também trabalharam na infância, que provavelmente não estudaram, ou não passaram das primeiras séries do ensino fundamental. Enquanto as escolas dos meus filhos têm segurança, carga horária cumprida rigorosamente e professores preparados, as escolas da maior parte da população da Bahia – e é aí que os negros permanecem também em sua maioria, continuam a viver sob o medo, a inoperância e a incerteza de aprender.

Muitos, por esforço próprio e por alguns avanços registrados no país, têm conseguido furar o bloqueio e chegar à universidade. Hoje, no Brasil, não é raro encontrar alunos universitários que representam a primeira geração da família a continuar e completar os seus estudos. Mas as condições ainda são muito desfavoráveis, injustas e desiguais. Muitos dos que conseguem entrar na faculdade acumulam o estudo com o trabalho, pois de outra maneira não teriam como pagar a escola. Quando conclui os estudos, outra batalha. Enquanto os nossos filhos têm oportunidades de trabalho, para estes heróis do nosso povo são limitadíssimas as possibilidades.



É estranho não termos políticos negros bem sucedidos? Médicos, engenheiros, cientistas em maior quantidade? Não, é a coisa mais natural do mundo, é a consequência do que estamos construindo. Uma sociedade verdadeiramente sem direitos iguais.

Por todos estes motivos é que defendemos as cotas, não só nas escolas, mas também nos postos de trabalho, na política e na comunicação. Só assim conseguiremos mudar essa nossa triste história, que é a verdadeira responsável pelos números que constatamos nos presídios, nas vítimas de assassinatos, roubos e outras estatísticas da violência...e quão graves são os números da violência particularmente no nosso Estado da Bahia e na nossa capital, e aqui me permito abrir um parênteses para registrar e lembrá-los também que a Bahia é o Estado campeão, por seis anos consecutivos, de crimes homofóbicos.

Senhores deputados, amigos, sei que numa homenagem como esta se recomenda uma fala comedida, uma fala mais apropriada a alguém que está aqui na condição de convidado. Mas peço que sejam mais generosos do que já foram, ao me conceder tão grata homenagem, me permitindo mais um minuto ainda da vossa atenção. Sei da importância desta casa e do trabalho dos senhores e, por isso mesmo, é que não desperdiçarei a rara oportunidade que tenho, neste momento, para fazer um pedido: o de que sejam intransigentemente responsáveis com os cidadãos da Bahia, que se ressentem da falta de uma política mais agressiva, com mais investimento público dirigido para programas que atenuem as discrepâncias que insistem em nos dividir.

Os problemas estão aí à nossa frente sem que façamos nada de verdadeiro e radical para mudar esta triste realidade. Sem alarmismo, ou fazemos alguma coisa ou estamos andando a passos largos para a convulsão social, para o agravamento do quadro de violência galopante que tem dominado a Bahia nos últimos anos. Enquanto isso quais são as prioridades do nosso estado? O delírio de gastar mais de dez bilhões de reais para fazer uma ponte, para ligar uma cidade em crise com outras ainda mais decadentes. Isso pode ser prioridade quando ainda falta tanta coisa básica para nós, como a educação – estamos vendo os professores aí - saneamento, escolas, a saúde, a qualidade de vida? E



falta, nunca é demais repetir, principalmente para as camadas sociais nas quais estão, em sua imensa maioria, os negros baianos.

A prioridade de um governo tem que ser a de servir ao cidadão. Hoje, exatamente como antes, a prioridade é a política, continua sendo a política. (Palmas) Ao serem eleitos, os governantes preocupam-se legitimamente em ter maioria e garantir a chamada governabilidade. Afinal, precisam desta maioria para fazer aquilo que prometeram. Mas esta tal governabilidade acaba se tornando um valor em si. O governante desvia-se daquilo para o qual foi eleito e fica completamente imerso na tarefa de cooptar e angariar aliados para se manter no poder e garantir a sua hegemonia a qualquer preço. É lamentável que quando obtêm esta hegemonia e podem enfim realizar o que sempre sonharam e prometeram, já não podem, seja pela miopia própria do exercício inconsequente do poder, seja porque o arco de alianças já não permite a mesma liberdade de antes. Devíamos fazer política para governar (e governar bem) e não o oposto de governar para continuar fazendo política, para continuar dando as cartas na política.

A Bahia sempre inovou na cultura, sempre revelou ao Brasil grandes artistas e pensadores, e não podemos nos deixar atropelar por uma política nacional que, com todos os seus méritos, não dá conta da nossa singularidade, dos nossos problemas, das nossas riquezas e mazelas, historicamente pautadas, repito mais uma vez, pelas fissuras produzidas pela escravidão e perpetuadas pela falta de políticas reparadoras.

Em vez de ficarmos a reboque de um entusiasmo desenvolvimentista, sem sustentação na realidade, nós podemos dar o exemplo de como fazer da política um instrumento de transformação social. Nós podemos fazer e dizer ao Brasil: olhem para a Bahia, vejam o quanto a política na Bahia fez para criar uma sociedade integrada, justa e democrática, sem alimentar rancores e tampouco sem se contentar com os mitos de um sincretismo que supostamente nos faz iguais. Para haver igualdade de direitos é preciso que haja na prática a igualdade de oportunidades. Mas esta ainda não existe e, lamentavelmente, obedece a mecanismos de exclusão, que se não são diretamente raciais, contribuem para que negros e mestiços permaneçam onde sempre estiveram.



Chega deste desequilíbrio. Chega de nos tentar convencer que não existem coisas muito graves em nossa sociedade, como se todos os dias do ano fossem dias de comunhão, de festa, de carnaval. Nós, que vivemos em ilhas de conforto, esquecemos que do outro lado existem pessoas em continentes de miséria. Podemos não ter feito nada para que esta miséria exista. Mas encontramos nesta sociedade desigual as nossas boas oportunidades, e não temos feito o suficiente para que esta miséria deixe de ser a regra.

A Bahia tem que reagir. Fará um grande favor a ela mesma e ao Brasil, se reagir. Os deputados e o executivo têm que governar para as pessoas e não para se perpetuarem no poder.

Que tipo de sociedade queremos?

Eu aqui proponho uma resposta. Queremos uma política de reparação para a Bahia, que seja referência para o Brasil. Penso que esta é a maior vocação dessa cidade, assumir a sua cor, a sua história, as suas origens, sem temor e sem omissão. Não podemos corrigir erros, se não admitirmos à partida que os erros existem. Não podemos fazer melhor, se não admitirmos que não fizemos ainda o suficiente, nem tão bem quanto somos capazes. Na escola, nos postos de trabalho, nesta e em outras casas da política, a Bahia precisa ser o espelho da sua gente e não o será enquanto as boas cadeiras, das escolas, do trabalho e da política, forem ocupadas majoritariamente por brancos. Que cada um de nós faça a parte que lhe cabe.

Sou, como dizia no início, um baiano por adoção, mas nem por isso me sinto menos baiano que os aqui nascidos. Amo esta terra e, creiam senhores e senhoras, é por amor que aproveitei este momento para pedir aos senhores que estejam atentos ao povo da Bahia. O povo que vos elegeu. E estou certo de que os senhores terão ouvido as minhas palavras, imbuídos deste mesmo amor à nossa terra.

Chego ao fim da minha fala, lembrando dois patrimônios ambientais da Bahia que, para mim, também, são patrimônios afetivos, objetos da minha devoção.

O primeiro patrimônio é o Parque São Bartolomeu (palmas), templo a céu aberto degradado pela destruição ambiental e pela violência. É um templo, cuja preservação até



aqui devemos tributar aos terreiros. Terreiros estes que não têm sido tratados com a devida atenção e com o devido respeito, mas são o esteio de muitas comunidades e contribuem para o equilíbrio daquilo que restou de nossas roças e matas urbanas.

Por fim, o segundo patrimônio é a Chapada Diamantina, pedaço da Bahia (palmas) onde procuro estar o maior número de vezes que posso e que tem sido, continuamente, ameaçada pelo desmatamento e pelas queimadas.

Peço ao nosso governo que volte os seus olhos para estas riquezas da Bahia.

Salve o Parque São Bartolomeu! Salve a Chapada Diamantina!

Sem eles, seremos um pouco menos baianos, um pouco menos merecedores deste nome que, hoje, os senhores me deram a alegria de conceder.

Muito obrigado.” (Muitas palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 20/04/12

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Gostaria de registrar as presenças de Maria del Carmen e Álvaro Gomes, deputados desta Casa.

Depois do discurso maravilhoso deste cidadão da Bahia, vamos ouvir a baiana Jussara Silveira e Mariana de Moraes. Jussara Silveira é uma das vozes mais fantásticas, não só na Bahia como no Brasil.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Após ouvirmos a cantora Jussara gostaria de informar que ela estará se apresentando nos próximos dias, 21 e 22 de abril, sábado e domingo, no Teatro Castro Alves. É bom prestigiarmos uma voz tão boa!

Quero parabenizar os músicos Luciano Bahia, Brasil que acompanharam nossa apresentação.

O Sr. Sérgio Guerra:- Um Pernambucano consegue fazer uma sessão tão baiana! (risos)

O Sr. PRESIDENTE (Fabrício Falcão):- Quero dizer também que pelo impedimento regimental não poderei passar as falas para os demais componentes da Mesa, e sim a apenas ao proponente e o homenageado. Gostaria de abrir esse momento para outras falas aqui, como para Olívia, Edval que gostariam de falar um pouco sobre a vida desse homem, para dizer a Sérgio Guerra, que isso que ele falou, é o que existe na Bahia e no Brasil.

Na verdade o Brasil e a Bahia são vários. Não se fez o Brasil apenas e não se fez a Bahia. É bonito falar que o Brasil é um País de paz, isso não é verdade. Que não temos guerra, terremotos, tufões etc. O Brasil desde que chegaram os portugueses e perpetuaram seu modo de vida, se tornou um País de desiguais. Somos iguais nas diferenças, mas somos desiguais na questão econômica e social.



A Bahia mostra onde está a população negra. As escolas públicas são formadas majoritariamente por ela. Aqueles que construíram a riqueza do Brasil tirando o ouro das minas de Minas Gerais, da Chapada não puderam ter sequer um milionésimo por cento dessa riqueza para a sua vida, mas formaram a Revolução Industrial na Inglaterra; formaram o pagamento de dívida de Portugal com a Inglaterra e tiveram a sua vida ceifada do ponto de vista social até hoje. Por mais que tenhamos tido avanços no País, com modificação do estrato econômico nos últimos anos, ainda assim, o Brasil precisa mudar muito e reparar os danos causados àqueles que construíram este imenso País.

O Brasil é grande, rico, já somos a sétima economia do mundo. Você aqui falou que não seria o caso de numa sessão desta falar sobre esses problemas, mas é sim. Esta Casa aqui é a Casa do Povo, é a Casa que não vive só de festas, vive também de discutir, debater os problemas de um povo que ainda sofre com as mazelas, sofre com a concentração de riqueza nas mãos de poucos e que precisa ter, realmente, o resgate maior, verdadeiro e que é fruto da necessidade, não de dar nada à população negra, mas de entregar àqueles que construíram este Brasil aquilo que de fato é deles.

Então, nesse processo importante debatemos, você faz isso da sua vida, você faz das imagens das suas fotografias o seu coração, e muitas pessoas da Bahia também o fazem, só que às vezes não são escutadas.

Eu queria, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradecer a presença de todos os deputados, autoridades civis, militares e eclesiásticas, amigos e amigas, imprensa, dizer, senhoras e senhores, que neste momento encerramos esta sessão, mas a encerramos com orgulho, com alegria, já demos títulos aqui, falei mais cedo através da imprensa, às pessoas que não mereciam. Mas você merece verdadeiramente, a Bahia merece por ter você como filho. Um abraço a todos!

Está encerrada a sessão.

(Palmas)